

## MULTICULTURALISMO: DIFERENÇAS CULTURAIS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

*Multiculturalism: cultural differences and pedagogical practices*

Resenha do livro: MULTICULTURALISMO: DIFERENÇAS CULTURAIS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Autores: Moreira, Antonio Flávio; Candau, Vera Maria (Org.).

Petrópolis, RJ.

Kelly Russo\*

\* Kelly Russo é graduada em Comunicação Social pela UERJ, Mestre em Ciências Sociais e Educação pela Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais (FLACSO Argentina) e Doutoranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

E-mail: kellyrusso@br@yahoo.com.br

**Material recebido em abril de 2008 e selecionado em maio de 2008.**

Nos últimos anos, o debate sobre diferenças culturais toma cada vez mais espaço na educação escolar. Políticas públicas e práticas pedagógicas são repensadas quando a homogeneidade cultural não serve mais como resposta em um mundo de transformações constantes. Contudo, são poucas as publicações que viabilizam uma reflexão ampla sobre o multiculturalismo, unindo teoria a alternativas pedagógicas. *Multiculturalismo: Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas* oferece esta reflexão através de oito artigos oriundos de pesquisas sobre temas recorrentes no cenário educativo brasileiro: identidade, raça, gênero, sexualidade, religião, cultura juvenil e saberes escolares.

Como os organizadores alertam na primeira página do livro, “o multiculturalismo pode significar tudo e, ao mesmo tempo, nada.” E ao considerar a polissemia do conceito, esclarecem a posição do

grupo de autores “a favor da luta contra a opressão e a discriminação a que certos grupos minoritários têm, historicamente, sido submetidos por grupos mais poderosos e privilegiados.” Dessa forma, mais do que uma discussão teórica de maior profundidade sobre as tensões presentes no desenvolvimento de políticas de reconhecimento e os impactos destas nas sociedades contemporâneas, suas escolhas e análises teóricas priorizam tornar visíveis as desigualdades presentes no “chão da escola” e discutir possibilidades de práticas pedagógicas comprometidas com a perspectiva multicultural.

No primeiro artigo, “*Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica*”, Vera Candau apresenta as diferentes abordagens ou dimensões do multiculturalismo para incluir entre elas a perspectiva intercultural, e vê a prática pedagógica como um

processo de negociação cultural: professores, diretores e coordenadores pedagógicos são convidados a assumirem os riscos e desafios inerentes a esta negociação. No segundo, Antonio Flavio e Michelle Câmara abordam o processo de construção de identidades e, pela complexidade do tema, ressaltam a necessidade de se estabelecerem metas e estratégias claras ao se abordar esta questão em sala de aula. O artigo “*Reflexões sobre currículo e identidade: implicações para a prática pedagógica*”, além de indicar algumas das metas possíveis, oferece um material capaz de esclarecer e instrumentalizar professores e estudantes de cursos de formação a partir de exemplos e dados empíricos próximos ao cotidiano escolar.

No terceiro artigo, Nilda Gomes contextualiza a implementação da Lei n.º 10.639/2003 e desenvolve um artigo quase justificativo sobre como esta modificação nos currículos poderá provocar no cotidiano escolar, mas

## RESENHAS DE LIVROS

não apenas nele, questionamentos profundos sobre a nossa formação sócio-histórica. A autora reconhece as resistências que essa mudança provoca, mas, ao expor seus argumentos, não deixa espaço para uma apresentação mais aprofundada sobre as reflexões contrárias à lei, que tendem a ser muito mais tensas e profundas que a defesa cega de um mito de democracia racial. De qualquer modo, a autora embasa de modo consistente sua argumentação ao abordar a discussão como uma luta política na sociedade civil.

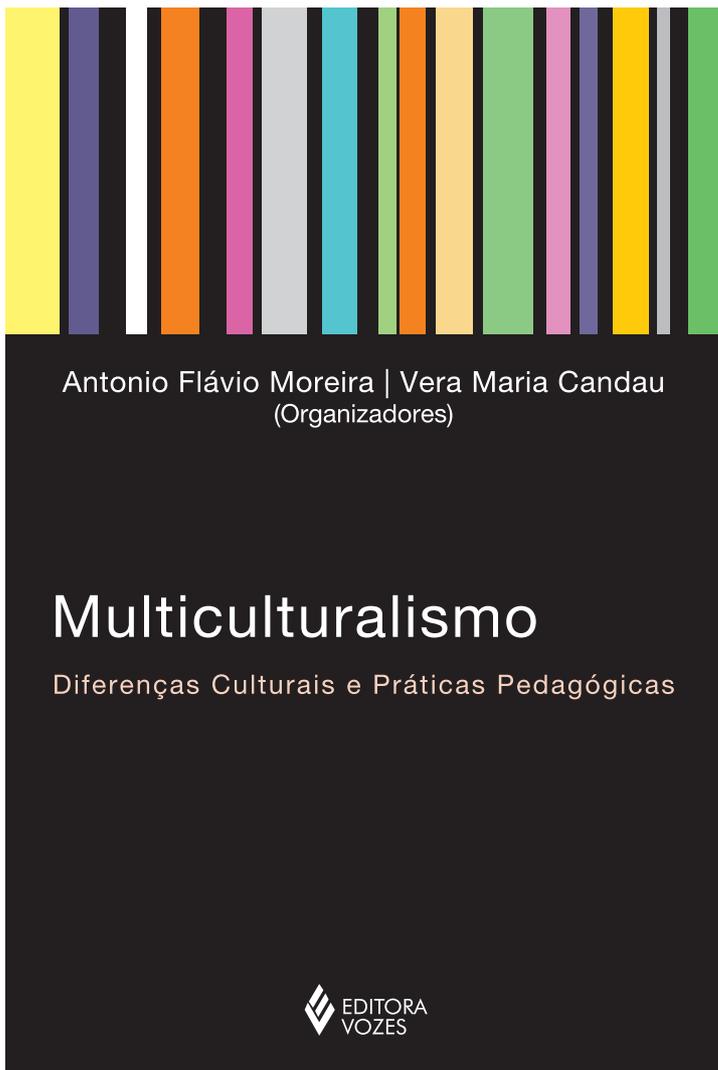
Os três artigos seguintes tocam temas pouco explorados no campo educativo. Marília Carvalho propõe uma análise instigante ao relacionar a questão de gênero com o desempenho escolar. Analisa como professores (em sua maioria do gênero feminino) desenvolvem um sistema de avaliação, geralmente difuso e variável, repleto de elementos subjetivos, que tende a valorizar o comportamento em detrimento da aprendizagem dos alunos. No artigo seguinte, “*Sexualidades em sala de aula: discurso, desejo e teoria queer*”, Luiz Lopes discute a dificuldade de a escola tratar temáticas relacionadas ao corpo, ao prazer e à sexualidade e introduz a teoria *queer* como uma alternativa para se “ampliar os repertórios de sentidos dos/das alunos/as e professores/as na compreensão dos desejos”. Segundo o autor, a visão predominante de defesa das “minorias” é essencialista e não discute a relação de poder existente na heteronormatividade. A heterossexualidade não pode ser vista como “natural”, mas como uma das construções possíveis sobre a sexualidade humana. Proposta bem menos transgressora é a de Stela

Caputo, que, cuidadosamente, tenta um início de conversa sobre como o fundamentalismo religioso ameaça a convivência democrática em escolas públicas no Rio de Janeiro.

Mais do que um artigo analítico, “*Ogan, adósu òjé, ègbónmi e ekedi – O candomblé também está na escola. Mas como?*” é um convite à sensibilidade, onde leitores penetram na desconhecida (e discriminada) cultura dos terreiros de candomblé. A autora historiciza a religião e apresenta

um pouco do cotidiano de crianças que desempenham atividades de grande prestígio nos terreiros de candomblé, mas precisam esconder suas vivências ao passarem os portões da escola. Ao terminar o artigo, não sabemos se ele será capaz de quebrar resistências, mas sua leitura torna evidente um obstáculo silencioso e poderoso para a consolidação de um sistema que se pretenda laico e inclusivo.

O sétimo artigo, “*Identities*



***Multiculturalismo: Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas* oferece esta reflexão através de oito artigos oriundos de pesquisas sobre temas recorrentes no cenário educativo brasileiro: identidade, raça, gênero, sexualidade, religião, cultura juvenil e saberes escolares.**

*culturais juvenis e escolas: arenas de conflitos e possibilidades*”, de Paulo Carrano, discute as diferenças geracionais entre professores e alunos. Ressalta a urgência de espaços que permitam a emergência da multiplicidade sociocultural dos sujeitos escolares e apresenta alguns exemplos de como trazer essa discussão para a prática escolar. O autor desenvolve uma rica reflexão sobre as culturas juvenis e as práticas sociais protagonizadas por estes em espaço intra e extra-escolares, mas oferece uma alternativa pontual e limitada ao sugerir o uso do *rap* e do *funk* no ensino de disciplinas “duras” e distantes da realidade dos alunos. Contorna, em lugar de enfrentar o cerne da questão: como construir “currículos flexíveis”, capazes de possibilitar novas produções de sentido, se ainda não encontramos consensos sobre os saberes essenciais que devem ser ensinados nas escolas e, por conta disso, jovens e professores lidam com currículos extensos

e quase enciclopédicos?

É com essa pergunta em mente que chegamos ao último artigo, *“Conhecimento escolar, cultura e poder: desafios para o campo do currículo em ‘tempos pós’”*, de Carmen Gabriel. Mas ela não propõe respostas, ao contrário: em “tempos pós”, talvez seja mais fecundo insistir em perguntas que propor respostas absolutas. Sob esta perspectiva, a autora tenta encontrar no atual processo de hibridização de discursos e sentidos, referenciais que confirmem a escola pública como local privilegiado para a construção e socialização de conhecimentos. Eficaz a organização do livro: se os primeiros capítulos amenizam as dúvidas e sugerem alternativas para a inclusão das diferenças nas práticas pedagógicas, os últimos desequilibram qualquer indício de estabilidade e nos recordam que vivemos em um período de incertezas. A rotina escolar, portanto, não poderia esperar uma realidade diferente.